

Boa tarde a todos, bem-vindos mais uma vez.

Edu Krieger

Gabriel a gente tem sempre trocada essa ideia aqui com o pessoal interessado em saber um pouco mais, além do que o trabalho se demonstra, do que as músicas já demonstram. Então é uma turma que vem, tem gente que nunca veio, tem gente que vem chegando ao longo do trabalho e gostaríamos de saber um pouco mais curiosidades do seu trabalho, do processo de criação e da sua relação com a sua própria carreira. Eu vou começar, como não poderia deixar de ser, falando do personagem que dá nome a essa sala, quando entra ali passa pela porta tá escrito sala maestro Paulo Moura.

Paulo Moura que vem a ser seu tio, Paulo Moura para quem não sabe é maestro, compositor, arranjador, instrumentista, tocava sax, clarinete e de quebra tocava tamborim na bateria da Imperatriz. Fala um pouco da sua relação pessoal e musical com esse grande nome da nossa música que é o Paulo Moura.

Gabriel Moura

Boa tarde a todos, é um grande prazer estar aqui batendo esse papo e depois fazendo o show. Paulo Moura é meu tio e todos os meus tios aprenderam música em São José do Rio Preto, a família Moura vem de São José do Rio Preto, interior de São Paulo, e o meu avô era carpinteiro e lá pelos 30 e poucos anos ele resolveu estudar música e sozinho ele começou a estudar música. Aprendeu, foi desenvolvendo e montou uma banda dele, uma orquestra dele em São José do Rio Preto, de baile e ele também foi ensinando a todos os filhos dele. Era na época da guerra, e ele não queria que nenhum dos meninos dele fosse para guerra, para o front, então sendo músicos talvez fossem cantar ou algo parecido

Edu Krieger

Quem sabe tocar o despertar da tropa, o toque do alvorecer

Gabriel

O despertar da tropa. Enfim, então, eu acho que devo a minha música a minha música, a minha musicalidade ao meu avô que começou tudo isso na família, depois ser sobrinho do Paulo que foi o maior expoente da nossa família em termos de música, todos os tios foram, tocaram na orquestra sinfônica, tocaram em bailes de gafieiras.

Eu comecei em gafieira muito cedo com 13, 14 anos. Entrava e já conhecia todos os seguranças, já conhecia o dono da gafieira, eu ia muito na Estudantina principalmente, também no Elite. Mas na Estudantina que era praticamente a minha casa, porque meus tios todos tocavam lá, então já tive esse contato com a gafieira desde muito cedo e aprendi a admirar a música os músicos os metais os sons do sopro, principalmente. Isso sempre me encantou muito, aí eu comecei também a despontar na música como compositor, eu fiz um samba para a Caprichosos de Pilares, em 1991, que foi para a avenida.

Eu tinha 22 anos, isso despertou a atenção do meu tio Paulo Moura que começou a me chamar para as coisas, me levou para o teatro e eu comecei a fazer trilhas para o teatro. Por que ele viu que eu tinha aptidão para compor, aí ele me chamou para ir no teatro da UERJ.

No teatro da UERJ, era uma companhia de teatro grande que trabalhava com alunos e não alunos da universidade, podia ter funcionários, podia ter gente da Mangueira, vinha gente de todo lugar, não precisava se inscrever nem nada. Era só chegar e falar que estava afim de trabalhar com teatro e entrar. Ai nossa relação começou a ficar muito próxima, porque nos primeiros espetáculos eu trabalhei junto com ele na trilha e eu passei ir mais na casa dele, eu passei a conviver mais de perto com ele mesmo, foi maravilhoso, pois eu ainda não tinha muito conhecimento teórico de música e tive como professor Paulo Moura.

Edu Krieger

Só antes de prosseguir, quem tiver alguma intervenção, alguma pergunta, alguma colocação fique a vontade e essa conversa está sendo gravada para posteridade e tudo que a gente estiver falando pode ser usada contra a gente. Depois a gente vai pegar os piores momentos e fazer uma edição e botar no jornal Nacional.

Você falou do teatro da UERJ que você começou a frequentar e eu já escutei algumas vezes o Seu Jorge falando que morava lá no teatro, que trabalhava lá fazendo serviços variados, o que precisasse. O Seu Jorge era o seu principal parceiro de composição. Me fala como se deu esse encontro com o Seu Jorge, se foi no teatro da UERJ, se foi nessa época ou se foi depois. Conta um pouco dessa relação.

Gabriel

Na verdade eu tocava, quando eu comecei a despontar musicalmente, eu comecei a tocar em bar, eu toquei muito aqui inclusive pela Tijuca, em bares que tinham por aqui como o Velho Tio, Tia Lola, Adega Periquito, alguma coisa assim, uma Adega que tem logo aqui no final da Uruguaia, não lembro bem o nome, era Periquito alguma coisa assim, Adega da Marobe. Tinha um bar na José Higino também que era o Rolebar. Então a Tijuca foi muito parte do meu começo musical.

Eu também tocava muito no Meier, tinha um bar chamado Maritália. Eu tocava lá todos os dias e ai começou a aparecer o Seu Jorge, ainda ele nem era o Seu Jorge, era só Jorge, Jorge Mario, ele começou aparecer lá e era meu fã. Ele ficava lá vidrado, ele gostava muito desse repertório que tocava de MPB de música popular brasileira e ele era mais do rock, ele curti Legião Urbana, imitava o Renato Russo e a gente ficou amigo. Eu praticamente trouxe ele para a música mesmo, eu dei aula de violão para ele e falava para ele tirar o Renato Russo da voz, falava para ele soltar a voz, nós ficamos amigos e eu levei ele para o Teatro, para o Teatro da UERJ.

Ele estava passando uma fase difícil na vida dele, que ele estava realmente sem ter onde morar, o irmão dele tinha sido vítima de uma chacina em Belford Roxo e a família teve toda que sair de lá de Belford Roxo, e ele não pode ficar junto com a família. Enfim, vários outros casos que não vale aqui ficar se estendendo muito, mas ele ficou meio sem ter onde ficar mesmo e quando eu conheci ele no Méier eu dizia para ele: e agora você vai para onde, e ele dizia vou ali para casa da minha tia. Ele tinha uma tia que morava no Méier, mas não podia dormir todos os dias na casa dela, e as vezes eu falava e agora tu vai para onde? Pô tu não vai para lugar algum, então vão lá para casa. Ele ia lá para casa e ficávamos lá e tudo ai eu apresentei ele para o Paulo Moura, que adorou ele.

Ele é um cara sensacional, que tem um talento incrível, já naquela época, e ai começamos a fazer trabalhos juntos. O Paulo Moura, eu e ele, e ai eu levei ele para o

Teatro lá ele acabou se encontrando porque aprendeu a dançar, aprendeu um monte de outras coisas, dançar porque também tinha coreógrafos então aprendeu a dar alguns passos, enquanto eu ficava fazendo a trilha e preparando a música, ele estava lá jogado junto aos atores, ele se inseriu cenicamente, ele começou a fazer parte dos espetáculos, com números musicais e tudo. Então de lá para cá a gente ficou muito amigo depois montamos um grupo chamado Farofa Carioca.

Edu Krieger

Você acha que o Farofa já tinha uma produção autoral significativa ou você começou a desenvolver essa pegada de compositor mais dentro do Farofa. O Farofa Carioca foi uma banda que existiu na década de 1990 e no final da década de 90 gravou um CD que tornou espécie de símbolo de uma tendência que existia na época no Rio de Janeiro, de se misturar samba com Rock and Roll, com pop, com vários ritmos, o Farofa foi um grupo que soube se expressar melhor dentro de um trabalho fonográfico, tinha o Seu Jorge como vocalista e o Gabriel Moura como vocalista também e o principal compositor do grupo. Então fala um pouco da sua relação da composição antes do Farofa o que você tinha fora essas trilhas que você compunha para teatro, como era o Gabriel Moura compositor e o que o Farofa te trouxe de desenvolvimento desse trabalho?

Gabriel

Então, eu já comecei a compor desde cedo porque isso que vem com a pessoa, essa necessidade de escrever. Então, eu comecei a compor antes de entrar para o teatro, inclusive fiz o samba enredo da Caprichosos, mas ainda não tinha nenhuma expressão assim no sentido de música gravada nem nada. A partir do momento que eu entrei para o teatro que comecei a ganhar velocidade de composição, eu tinha que fazer a música na hora. Não tinha como eu levar para casa e pensar, eu tinha que fazer durante o ensaio, então o pessoal estava ensaiando e o diretor falava: agora vai ter um momento que vai passar um cortejo e a gente tem que cantar uma música.

Eu falava: beleza, então vou preparar em casa e o diretor avisava que precisava da música para ser cantada naquela hora, durante o ensaio. Isso foi me dando uma urgência de fazer as coisas e um certo desprendimento de que as vezes sai bom e as vezes não sai. Não tem exatamente um controle sobre o que vai ser criado, começa tudo com um papel em branco e ali tem que ter uma história cantada que tem que fazer sentido, mas no teatro como ele te dá personagens, te dá o roteiro, dá o texto, então você tem o que se basear para começar a compor, então isso foi minha grande escola

Edu Krieger

Hoje faleceu a grande maior crítica teatral que a gente já teve, a Barbara Heliodora, você chegou a ser vítima dela?

Gabriel

Não. Na verdade, graças a deus, ela sempre falou bem de mim. Porque ela era uma pessoa dura nas críticas, mas muito coerente, uma sumidade em Shakespeare, ela era uma pessoa que entendia muito. Mas nos meus trabalhos sempre foram elogiados, em

termos de grupo, eu faço muitas peças com o grupo Nós do Morro, do Vidigal, e os trabalhos do “Nós do Morro”, sempre foram elogiadíssimos pela Barbara.

Edu Krieger

Você sabe quando eu comecei a minha carreira. Acho que é um ponto que muitos músicos tem em comum é exercitar a criação e a criatividade no teatro, então, eu também quando comecei a compor busquei no teatro uma forma de exercitar isso e eu fui fazendo algumas peças universitárias até que cheguei no circuito profissional através do Antonio Abujanra e compus uma trilha sonora para o Auto da Compadecida, o meu sonho, eu sempre falava isso quando eu fazia trilhas sonoras das peças eu contava isso para todo mundo, meus colegas de trabalho, de faculdade, eu dizia que o meu sonho era um dia ter uma crítica da Bárbara Heliodoro me esculhambando, porque eu ia ampliar emoldurar e botar em um quadro. Porque ela falava mal de todo mundo. Eu quero um dia, eu vou me sentir realizado quando tiver uma crítica da Barbara Heliodoro me detonando e eu cheguei nessa montagem do Antonio Abujanra eu fiz a trilha e teve uma repercussão grande, isso foi em 1998, e ai saiu a crítica da Barbara Heliodoro, no jornal O Globo, e eu fui ler e ela falava mal da peça inteira e quando foi falar de mim e quando foi falar de mim disse assim: a trilha sonora é uma das poucas coisas que se salvam e uma trilha de alta categoria. E eu pensei puta merda, eu fiquei frustrado, porque eu queria uma crítica dela me esculhando e ela falou mal da peça toda da concepção do Antonio Abujanra, do elenco e a trilha é de alta categoria e eu acabei ganhando o prêmio Shell, muito em função dessa crítica, os jurados foram ver. Ela tinha um poder de influência muito grande e eu fiquei com essa frustração de nunca ter uma crítica e você também. Temos isso em comum: a Barbara nos adora.

Enfim e ai você começou a trabalhar muito com essa questão do teatro e você chegou no Farofa com essa bagagem.

Gabriel

Sim. Com a bagagem de teatro e isso refletiu no trabalho do Farofa Carioca porque a gente juntava circo, teatro e fazia uma grande festa, uma grande farofa mesmo. Tinha malabaristas, tinha acrobatas, então é interessante que o Seu Jorge ficava sempre tocando violão cantando assim na frente. E o cara falava: Seu Jorge fica parado que a gente vai pular por cima de você. Ai ele ficava ali cantando e o cara vinha e pow pow e vinha o outro, eram dois irmãos gêmeos, pulava um por cima, pulava outro por cima era uma coisa de louco, então foi bacana que o Farofa trouxe essa bagagem que eu e Seu Jorge já estávamos lá fazendo teatro já havia cinco anos que a gente participava do Teatro da UERJ e era uma companhia que tinha grandes expoentes do teatro tipo assim, o Antonio Pedro Borges, aquele baixinho que fazia, eu sempre falo isso porque as pessoas se lembram, na Escolhinha do Professor Raimundo “A luta contínua companheiro” é um dos meus mestres tinha o Amir Adad, o Anselmo Vasconcelos, o Ricardo Petralha, era assim um grupo de 20 atores profissionais que cuidavam do negócio. A gente levou isso para o Farofa e acabou sendo a nossa marca, assim a nossa bagunça era a nossa marca.

Edu Krieger

Como funcionava essa parceria dentro do grupo tinha alguém que trazia as ideias iniciais com mais frequência tinha alguém que cuidava mais de letra ou de música ou era uma mistura como é que vocês cuidavam dessa questão de composição dentro de um grupo como o Farofa Carioca, que tinha um monte de maluco cheio de ideias e como vocês organizavam essa bagunça?

Gabriel

Primeiro é assim. A gente estava juntos todos os dias, a gente passava o dia inteiro juntos dividindo aquele pão com mortadela e aquela coca-cola litro que tinha que dar para todos os oito e o nosso trabalho se formava a partir dessa junção, dessa união de estar todos os dias juntos. Eu já trazia essa coisa da composição e centralizava todas as coisas que vinham em termo de ideias pra colocar no papel e fazia aquela síntese para criar as canções. Seu Jorge também bastante, Seu Jorge é muito criativo então sempre estava dando ideias de metais e arranjos também e era assim uma usina de criação.

Edu Krieger

Você se sentia uma espécie de cérebro musical assim ou de eixo central que organizava a composição ou era uma confusão que dentro desse caos resultava em algo mais organizado. Qual era o teu papel ali exato?

Gabriel

Era justamente esse.

Edu Krieger

Por você já vinha de uma família de músicos, tinha essa tarimba...

Gabriel

É. Porque o grupo Farofa era formado assim de músicos que não eram músicos profissionais de tocar com outros artistas e tudo. Eram músicos como a gente falava de calçada. Era o Sandrinho que tocava o Tan Tan, hoje já tem outra configuração, mas ele tocava o tan tan nas rodas de samba, nos botequins, tinha o francês que esse sim tinha um estudo musical tocava jazz e tudo, o Valnei também era samba, de escola de samba, de roda de pagode e o Wellington era o percussionista também. Muito coisa assim afro, mas sempre tocando assim informalmente, então era assim uma banda informal que virou uma banda profissional, porque na mesma hora que a gente, a gente começou a trabalhar em 1997 e em 1998 a gente assinou com a gravadora, e antes mesmo de assinar com a gravadora a gente teve convite para tocar na Free Jazz, hoje não tem mais o festival, mas o Free Jazz era um festival top da música que trazia grandes artistas do jazz internacional e a gente foi incluído lá. Uma banda de calçada, mas cotada no mercado como uma banda de jazz brasileiro.

Então isso foi muito interessante e eu fazia esse meio de campo de ficar ali olhando para todo lado e distribuindo a bola e o Seu Jorge o centroavante que ficava de frente e marcava o gol. Eu realmente me posicionava nesse meio de campo para organizar as letras, para tentar fazer que aquela confusão de ideias tivesse uma direção isso trouxe para mim também um estilo para o meu trabalho de composição que é a coisa da música com mais balanço, mais cheia de suingue, que quando eu comecei eu não pensava nisso. Eu tocava Tom Jobim, Chico Buarque, tocava Caetano,

Gilberto Gil, Gonzaguinha, Milton Nascimento muito, eram os meus grandes ídolos e era a música que eu tocava no bar, mas a partir do Farofa Carioca eu descobri um estilo musical que eu venho trazendo ele, meio que transformando um pouquinho até hoje e continuamos parceiros até hoje, eu e Seu Jorge, os maiores sucessos da carreira dele são parcerias nossas Burguesinha, A Amiga da Minha Mulher, Mina do Condomínio, todas essas músicas de maior sucesso da carreira dele são nossas parcerias. Então tudo isso vem dessa história do Farofa, do Teatro de tudo.

Edu Krieger

E você durante no Farofa Carioca você já tinha aquelas músicas que você compunha e que não se encaixavam no grupo e você já pensava numa carreira fora do grupo tipo vou guardar para um trabalho posterior, para uma carreira paralela ou não, tudo que você propunha tinha espaço tinha aceitação. Como é já era a tua relação lá dentro com o Gabriel Moura integrante do Farofa Carioca e o Gabriel Moura um artista com a sua individualidade e com uma possibilidade de fazer uma carreira solo?

Gabriel

É a principio eu não pensava não. Eu pensava que o grupo era certo no sentido de ter uma longevidade. Eu acreditava muito que a gente tinha uma força fantástica enquanto grupo e que aquela força ia ser motriz para a gente continuar 10, 20 anos assim como Paralamas do Sucesso, que estão ai há 30, 40 anos e outras bandas que se mantêm independente de toda dificuldade dentro do grupo porque sempre tem brigas, tem discussões porque se um casamento de duas pessoas tem imagina o de dez. Então, mas eu espera sinceramente que fosse ter uma longevidade maior, mas não teve, durou um ano e meio, mas nesse um ano e meio a gente fez um contrato com a gravadora que era a Polygram que foi muito interessante assim. A gente fez um, a gente começou em abril de 1997, quando chegou em janeiro de 1998 tava assim em todo Rio de Janeiro, todo lugar que a gente tocava era multidão assim, parecia o maracanã. A gente olhava assim de cima para a bilheteria e via aquela confusão de gente assim era uma coisa muito interessante na nossa vida assim. Então, como essa coisa toda ia acontecendo dessa maneira eu falei: poxa isso ai é uma coisa que tem uma longevidade grande, ai quando chegou em janeiro a gente marcou um show no Ballroom, que era uma casa que tinha no Humaitá e para esse show do Ballroom a gente chamou Alice Pelegatti, que é a esposa do Frejat, e ela é uma grande divulgadora, acho que é a maior do Rio de Janeiro e ela convidou todos os diretores de todas as gravadoras para ir no show e todos foram. Foram todos os diretores de gravadoras, um monte de artistas e lotou mesmo o Ballroom de uma maneira, que a gente gosta de contar isso, que a rede globo tentou entrar de alguma maneira para fazer uma matéria e não conseguiu de tão cheio que não conseguiu entrar e então, depois começou um leilão de gravadoras, uma gravadora oferecia dinheiro, a outra ofereceu dinheiro e ai veio a Polygram que era a maior de todas e falou: não. Vocês não deixaram a gente ter uma conversa com vocês, dêem essa oportunidade para a gente. A gente: hum caramba o que que é isso com a gente. Ai fomos lá. O presidente da Polygram ligou para o escritório da gente conversou com a gente e falou: pô, vocês podem vir aqui, ai a gente falou nós somos muito e temos que pegar ônibus e ele falou não pega um táxi, perguntou quantos são, nós somos em dez. Então pega ai três táxi e vem embora que a gente paga o táxi aqui. Ai chegamos na Polygram, meio tímidos...

Edu Krieger

E já endividados com a gravadora, antes de assinar o contrato

Gabriel

Ai entramos na gravadora e subimos a escada que tinha, pois nem o prédio e gravadora existem mais, que agora é Universal, mas tinha uma sala que era a Sala Caetano Veloso, uma sala grande, bonita assim com uma mesa comprida onde eles faziam as reuniões e tal, entramos na sala Caetano Veloso quando abriu a porta toda a diretoria da gravadora estava reunida, marketing, vendas, advogado, presidente, vice-presidente, diretor artístico, todo mundo reunido. Quando a gente entrou na sala foi uma comemoração e a gente falo o que que é isso. A gente não estava esperando por tudo isso, apesar do sucesso que a gente estava fazendo, a gente não esperava toda a diretoria da gravadora fosse se reunir para receber assim e tal, ai entramos lá humildemente, sentamos, tinha garçom passando com canapé, whisky, campanhagne, tudo. Ai o presidente falou: então a gente vai oferecer para vocês o dobro do que a última gravadora estava oferecendo para vocês, eu sei o quanto eles ofereceram tanto e a gente vai oferecer tanto e vocês podem gravar no estúdio que vocês quiserem o disco de vocês, podem mixar aonde vocês quiserem, se quiserem mixar nos EUA a gente mixa o disco de vocês nos EUA e vocês vão ou não vão assinar com a gente? Ai ficou aquele suspense, ai a gente nos reunimos e falamos: a gente pode fazer uma reunizinha presidente? E ele falou quer que a gente saia da sala para vocês e a gente falou não, nós vamos para outra sala e saímos todos, fomos para outra sala fizemos uma oração porque era um momento único na vida da gente assim a gente nem esperava por isso.

Edu Krieger

E os três táxis la embaixo esperando com o taxímetro rodando

Gabriel

E a gente fez uma oração e tudo e o Seu Jorge falou: Eu quero dar a notícia e foi lá e falou Senhor Presidente nos vamos assinar, e a comemoração parecia um gol de toda equipe da gravadora comemorando e todo mundo se abraçando a gente não entendeu muito porque, porque né enfim, era o nosso primeiro contrato. Então a gente fez um contrato que foi considerado o maior contrato para uma banda iniciante daquela época assim não existia mais aquele tipo de contrato que eles fizeram com a gente, mas eles fizeram porque houve um leilão de gravadoras né, cada uma oferecia uma grana e eles foram lá e ofereceram mais, depois eles fizeram o nosso disco, fizeram um videoclipe, fizeram um show de lançamento incrível na Lapa, ai depois o povo foi comprar o disco na loja e o disco não estava na loja. E foi uma coisa muito estranha que parecia ser só uma competição entre eles, entre as gravadoras, porque não significava muito, nós mesmos, na verdade, não temos tanto valor assim, se não for uma coisa essencialmente vendável no sentido de dar retorno financeiro. Se não der retorno financeiro logo no início tiram você para um pouco de lado e vamos para o próximo sertanejo, naquela época era o pagode que estava muito em voga, hoje em dia a música sertaneja tomou conta do negócio de uma maneira que realmente veio

como um balde de leite derramando dinheiro, que fica difícil competir porque é um nicho que vende cabeça de gado né,

Edu Krieger

Mas agora o Chitãozinho e Chororó gravaram um disco todo com música pop, com músicas do Tom Jobim, chamado de “Toms do Sertão” alguma coisa assim, então ainda existe uma esperança que a coisa tome um outro rumo. Teve um pessoal que chegou depois que a gente começou e nós falamos da importância do Paulo Moura maestro e arranjador, que é tio do Gabriel Moura, que inclusive essa sala se chama Paulo Moura, falamos do começo do começo da carreira dele compondo para teatro, o começo dele com o Seu Jorge, que se tornou o principal parceiro de composição e a criação do Farofa Carioca que é o grupo que projeto os dois para o grande mercado e como se dava essa parceria e conversamos um pouco sobre isso, como eles organizavam esse trabalho de forma criativa e chegamos agora na assinatura do Farofa Carioca com a gravadora e aí a banda conheceu o seu ápice e entrou em um processo de esfacelamento, que é natural quando a gente é muito novo e começa a ver muita gente grande do mercado dizendo que a gente é bom e oferecendo mil propostas eu acho que isso dá uma mexida com a gente e também na cabeça de todo mundo, acaba gerando uma competição interna para saber quem é quem é o mais ou menos ali dentro, isso é natural.

Gabriel

Na verdade acabou mexendo com a cabeça de Seu Jorge que acabou saindo da banda. A saída dele acabou com o grupo, na verdade, porque ele começou a ser muito requisitado, todos os jornalistas queriam ele e isso começou a inflar também um pouco o ego do rapaz.

Edu Krieger

Até porque ele tem uma história de vida que para a imprensa é muito fascinante né. O sujeito que vivia pelas ruas e não tinha onde morar, uma espécie de mendigo que teve o irmão morto em uma chacina e chega a fazer parte de uma banda com contrato assinado por gravadora é uma história que o brasileiro ama, o francês também gosta muito disso.

Gabriel

Mas na verdade o Seu Jorge é muito talentoso e muito eloquente, ele fala muito, o tempo todo ele está falando, e isso, essa necessidade de falar, falar muito acaba trazendo uma coisa assim. Eu agora que falo mais, eu era, eu sempre fui muito tímido, ainda sou mas tenho trabalhado isso em mim, mas então como ele falava bem já naquela época, porque ele é um caso a parte na história da música brasileira, eu acho que é porque ele teve essa dificuldade toda de ter o irmão morto e tal e de não ter tido muito estudo, mas uma capacidade de aprender incrível. Hoje o Seu Jorge fala italiano, francês, inglês, ele está morando na Califórnia, em Los Angeles e justamente até para aprimorar mais a língua e ficar lá em contato com o cinema, ele tem essa veia de artista, de ator, então, eu admiro muito ele, o trabalho dele. O cara (Leonardo Vieira) que lançou o livro com a história dele que é “Inteligência é fundamental” que é uma frase da música do Farofa, então lançou um livro agora com a biografia dele, do

Seu Jorge, que já está nas bancas. Eu ainda não li, mas eu sei que eu faço parte daquele livro. Então é isso, ele é um cara de muito talento e a gente depois que ele saiu do farofa a gente ficou um pouco afastado, eu fiquei um pouco magoado, porque afinal de contas a gente tinha toda uma história que vinha até ali e de repente subiu a cabeça dele, e ele resolveu sair e brigou com o grupo para sair, não precisava ter brigado, mas eu estou falando para vocês e já falei para ele, não é nenhuma novidade isso que ele brigou para sair e fazer a carreira solo dele. Ok. Nós ficamos uns quatro, cinco anos sem se falar e um dia eu estava em casa e quanto mais você fica sem falar vai ficando uma mágoa crescendo no coração e é desnecessária também porque é bem verdade cada um tem o direito de fazer o que bem quiser da sua vida e ele também não tinha nenhuma obrigação de ficar mas é um compromisso que a gente tinha de cavalheiro.

Edu Krieger

O tempo muitas vezes cura essa magoas, muitas vezes ele corrige naturalmente esses percalços, mas o tempo também pode agravar, o tempo a distância e deixar tudo na mão do tempo, o tempo vai criando uma ferida, uma casca grossa e depois não reverte mais

Gabriel

Ai um dia eu estava em casa e ele me ligou de São Paulo: Gabriel, tudo bem? E ai? Tá fazendo o que agora? Eu respondi: Tô aqui em casa. Seu Jorge: Eu tô aqui num estúdio em São Paulo e tô precisando fazer uma música para publicidade e não tô conseguindo fazer cara e você é o meu maior parceiro. Você poderia vir para São Paulo? E eu pensei: Será que eu vou mesmo para São Paulo? Eu falei: Beleza cara, eu vou sim, mas você paga a passagem? Seu Jorge: O produtor aqui da agência de publicidade paga a passagem. Ai beleza, passei minha identidade, ele emitiu a passagem, e eu fui para São Paulo, quando eu cheguei em São Paulo e entrei no estúdio o Seu Jorge estava sentado em um puff com o violão e a gente se viu e parecia que tinha se visto ontem. Voltou tudo ao normal, na mesma hora, na verdade a gente já era muito amigo antes de tudo acontecer, depois ficou aquela chateação, aquela mágoa de ele ter saído da banda, mas, enfim, a vida segue e eu não dependo da banda Farofa Carioca, graças a deus, para seguir e ser feliz e fazer o meu trabalho, alguns membros do Farofa ainda dependem do Farofa e continuam o trabalho e vão levando, vão tocando as coisas, fazendo o trabalho. E eles ficaram mais chateados porque esses caras dependiam da banda para poder chegar a algum lugar.

Edu Krieger

Geralmente o instrumentista, aquele sujeito que tá tocando no baixo, na guitarra ou no cavaquinho, ele precisa daquela estrutura para trabalhar seja qual estrutura for essa e o compositor que é o teu caso tem a possibilidade de bifurcar a carreira por caminhos diversos não depende de uma estrutura só, então é compreensível que os músicos instrumentistas tenham ainda essa necessidade de fazerem parte de uma estrutura que conservem um prestígio e eles tentarem se manter dentro de um mercado. Vamos falar desse ato da parceria com o Seu Jorge.

Julia (expectadora)

Eu queria saber exatamente como é o processo dele de composição. Como a gente tá acompanhado os encontros desse da semana passada e vimos que cada um colocou o seu processo uns gostam de isolamento, outros gostam de público, e eu queria saber de você como é esse processo.

Gabriel

Eu gosto muito de compor em parceria. O Edu e eu estamos em uma parceria há anos e nunca fizemos nossa primeira. Eu admiro o Edu Krieger, é um dos maiores compositores que eu admiro na cena carioca e no Brasil. É uma referência para mim como compositor, vai ser um prazer quando nós fizermos nossa primeira parceria.

Edu Krieger

A gente se admira tanto que acaba não fazendo nada porque a expectativa que a gente cria é tão grande, que o dia que eu compuser com Gabriel (Moura) vai ser uma música incrível e ele deve pensar a mesma coisa. A gente acaba ficando com medo de fazer, porque se a gente fizer e não for incrível a gente vai se frustrar ainda mais.

Gabriel

Na verdade é assim, pelo fato de eu ter trabalho no teatro, na época que eu trabalhava com teatro eu tinha que fazer música com ator, que ia fazer o personagem principal e ele queria dar ideia, as vezes o iluminador tinha uma ideia para música. Então, eu adquiri uma experiência de compor em parceria, assim, sentar junto com o compositor e compor. Nesse exercício de compor em parceria você tem que ter um certo desprendimento de suas ideias de você gostar das suas ideias, mas não amar as suas ideias porque o outro parceiro também tem ideias.

Então a gente gosta da nossa ideia, mas vamos jogar ela na roda e vamos ver se ela convence o parceiro. Então é um exercício de dar e receber, de ouvir e tentar chegar num consenso, cada frase, cada palavra, cada frase melódica, de ser uma negociação de parceria, isso para mim é muito bacana porque as vezes a gente cansa das nossas ideias, cansa da mesma sequencia de acordes, que você pode fazer no violão, que você já está acostumado, os caminhos melódicos e de letra.

Então, quando tem o parceiro ajuda muito e me ajuda muito também quando eu tenho um tema para compor, porque pegar o papel em branco e não saber o que o que vai fazer é para mim muito mais difícil. Então quando eu tenho que fazer assim, uma música para copa do mundo, tenho que fazer uma música para um personagem de uma novela ou para um comercial ou para um artista que vai gravar uma música eu penso no artista que vai gravar a música e em geral assim, eu ligo para o artista e falo e ai como vai ser o seu disco? E o cara fala eu quero fazer um disco onde tenha, um disco mais feliz, um disco mais para cima, um disco mais introspectivo, ou mais samba. Então com base na informação que vier eu tento compor uma coisa que se encaixe com aquela pessoa. Se for para mim, eu peço também as coisas que eu gosto, no conceito do meu trabalho. Eu gosto sempre de criar um conceito quando eu vou fazer um disco, pensar no que esse disco significa, de não ser só uma coletânea de músicas que você coloca ali e pronto.

Então, eu penso nessa coisa do conceito e procuro quando converso com os artistas que me pedem músicas, muitas vezes eles não sabem o que querem. Não, eu quero uma música igual aquelas que você faz para o Seu Jorge, ah, mas o Seu Jorge ele

faz um disco assim: “Músicas para churrasco”, ai “Músicas para churrasco” já te diz muita coisa porque você sabe que em volta do churrasco, além do carvão e da cerveja e da caipirinha, tem o churrasqueiro, tem a amiga da minha mulher, tem a burguesinha, tem os personagens todos, tem o motoboy que vai lá entregar não sei o que, tem todas as coisas em volta, que te dão imagens para você compor. Esse é o meu grande ponto, mas se eu também tiver que compor sozinho eu componho, se mandar uma melodia eu coloco uma letra, se mandar a letra eu coloco a melodia, eu não tenho assim um modus operandi único para compor do jeito que vier eu vou chutar.

Edu Krieger

E nesses quatro cinco anos de afastamento do Seu Jorge que era o seu principal parceiro e você sendo um cara tão afeito a parcerias, que parcerias você foi buscar ou você foi se descobrir como compositor fazendo mais canções sozinho. Como é que existiu o compositor Gabriel Moura, quando não tinha mais o Seu Jorge, principal parceiro algo John Lennon e Paul McCartney depois que se separaram e ai ficou cada um de um lado, como é que você se virou sem essa presença do parceiro?

Gabriel

Eu comecei a compor sozinho. Depois que o Seu Jorge saiu eu comecei a ficar compondo muito sozinho e tentando fazer as coisas e criar o meu repertório para o meu disco, para o meu primeiro disco que foi o CD “Brasis”, que eu lancei em 2006. Para esse disco eu comecei a fazer músicas que tinham mais haver comigo, fiz uma música em homenagem ao Méier que fez parte da minha influência musical, eu morava no Lins e frequentava o Méier desde a adolescência. Então fiz uma música para o Méier, fiz uma outra música para o morro do Vidigal, eu estou sempre lá no Vidigal fazendo, inclusive eu vou fazer o meu próximo espetáculo lá com o grupo “Nós do Morro”, que vai ser “A Megera Domada”.

Para eu fazer esse meu primeiro disco eu tentei com alguns produtores, mas não estava curtindo muito, até que eu conversando com o meu tio Paulo Moura, ele perguntou se eu gostaria que ele produzisse o meu disco e disse que adoraria. Então, abandona tudo o que você já fez e vamos começar de novo. Eu já tinha gasto dinheiro, com outros produtores tentando fazer e ai eu falei: produzir com Paulo Moura vai ser bacana porque é um maestro e tem outro entendimento da história e ai sim eu comecei ir para a casa dele e ele escrever tudo nas partituras, todos os instrumentos, tudo com calma e fomos para o estúdio e ele foi em todos os períodos de gravação. Regeu tudo do primeiro disco e assim foi feito. Depois desse disco eu comecei a voltar com essa coisa de parcerias. Eu conheci o Rogê, que hoje em dia é o meu maior parceiro, que a gente tem um volume de trabalho muito grande, depois o Pretinho da Serrinha, que hoje também é um grande parceiro, mas o Rogê se tornou, assim, ocupou o espaço deixado pelo Seu Jorge foi ocupado pelo Rogê,

Edu Krieger

Que depois também se tornou parceiro do Seu Jorge

Gabriel

Hoje em dia nos temos um núcleo que compõe juntos as músicas do CD do Seu Jorge e para outros artistas também.

Edu Krieger

Eu sou doido para entrar nessa cooperativa também. Eu vejo os discos do Seu Jorge e toda composição parece escola de samba. Gabriel Moura, Pretinho da Serrinha, Rogê, Seu Jorge, depois vem outros nomes, eu penso nossa é uma cooperativa e eu penso: vou me jogar nisso.

E uma força tarefa **(comentário do público)**

Gabriel

Porque a gente entendeu que na verdade. É uma força tarefa para produzir alguma coisa são várias cabeças pensando ao invés de uma, então sempre dá certo se as pessoas tiverem aquela mesma vontade de fazer as coisas dá certo. Então a gente montou esse núcleo e fazemos todas as músicas do disco do Seu Jorge. Nós juntamos os três e compõe todo o repertório, nós conversamos com ele

Edu Krieger

Bota uma carinha para assar

Gabriel

As vezes ou um chazinho. A gente costuma tomar chá para compor

Edu Krieger

Nem vou perguntar a receita

Gabriel

Não. São chás comuns. São chás mais banais possíveis tipo camomila para deixar bem calminho. Ficamos ali compondo e tomando chazinho. Durante uma tarde nós fazemos tipo duas músicas. Uma termina e já vamos começar a outra, mas vamos tomar um chazinho primeiro para depois fazer a outra. Isso é muito bom porque faz a ideia flutuar, as coisas ficam vivas, ficam quentes. E cada um já sabe até aonde vai o outro e a gente se ajuda e consegue construir alguma coisa melhor.

Pergunta do Público

Eu queria que você comentasse como você vê hoje a música popular brasileira em relação ao axé, em relação ao funk, ao pagode, a música gospel. Eu queria saber se na sua opinião hoje a MPB hoje virou um nicho de mercado e comentasse como atuar nesse nicho, como chegar no seu público, no momento que não tem mais as gravadoras, a Polygram não tá mais com essa bola toda de poder, porque antigamente a relação dos artistas era intermediada pelas gravadoras e hoje em dia não paga nem o taxi e tem sido cada vez mais mediadas pelas redes sociais. Eu gostaria que você comentasse isso.

Gabriel

Eu acho que hoje em dia o artista não pode mais ficar esperando, eu acho que hoje em dia o artista tem que ser mais que músico, tem que ser músico, cantor, compositor e ele tem que se articular, tem que ir aos lugares, frequentar, falar com as pessoas, se mostrar e divulgar na sua rede social. Ele tem que aprender como funciona porque não é só divulgar no Facebook, na rede social, é muito mais do que isso, é um canal que você faz no Youtube é uma série de coisas para você fazer com que você encontre o seu público. Porque o público está lá na internet e você pode achar ele na medida que você faça essa divulgação.

A música brasileira está num estágio que já tá que se mantem tem uns 30 anos, eu acho, que é depois dessa coisa que é o artista vender mais de um milhão de cópias, antigamente não tinha isso, na década de 1970 e tudo, os artistas não vendiam um milhão de cópias. O Gilberto Gil foi vender um milhão de cópias há pouco tempo, com a música “Esperando na Janela”, tem 15 anos isso.

Edu Krieger

Engraçado que tanto o Gil como Caetano são dois principais compositores conseguiram bater um milhão de cópias que não são deles o Gil com “Esperando na Janela” e o Caetano com “Sozinho” e os dois já tinham uma carreira de anos

Gabriel

“Sozinho” é de Peninha. Então a música brasileira começou a ser comandada pelos grandes empresários que começaram a comprar o espaço na rádio e determinar o que vai ser tocado e o que vai ser tendência.

Edu Krieger

E aí criou-se também uma categoria de compositores que são justamente o Peninha, o Carlos Colla, o Mario (... 46'48”), que são compositores que são ligados a cifras e cifrões, a números. Quer dizer a gente sempre teve os compositores ligados a música meramente pela música como Geraldo Azevedo que é um compositor muito produtivo até hoje, com sucessos muitos grandes, mas que nunca fez parte do jogo do milhão, então temos o Geraldo Azevedo, o Capinam, nós temos uma série de nomes que não aparecem tanto para o grande público, mas que tem uma obra muito rica, mas temos um nicho de compositores o que o Fernando colocou faz parte do que eu tô falando também, compositores que fazem parte de um tipo de propostas ligadas a músicas para vender rápido e muito e a MPB acabou ficando cada vez mais fora desse jogo.

Hoje em dia quando a gente fala que faz MPB eu acho que é essa percepção que o Fernando tem parece que fala para um público mais cult, que fala para um público mais elitizado, que não fala para o povão, e a MPB já ocupou o espaço de grande comunicação com a grande massa, principalmente, no final da década de 60, nos festivais e depois também, na década de 1980 antes do rock nacional, como compositor como você se vê dentro dessas possibilidades se você também se relaciona com esse jogo do milhão, compõe com esses nomes que atuam no grande mercado ou se você faz o seu trabalho de uma maneira aleatória e não está preocupado com isso, ou se você se preocupa. Como é a tua relação com a composição em termos de mercado?

Gabriel

Eu não posso deixar de considerar o mercado assim, porque a gente precisa ganhar dinheiro a gente precisa conquistar nossas coisas, então eu não deixo de olhar essa parte do mercado, eu tento fazer uma música que seja de entendimento direto, as minhas músicas, daqui há pouco eu vou tocar e vocês vão poder ver que eu trabalho pensando em imagem, quando eu componho uma canção, eu imagino ela acontecendo, como se fosse um videoclipe na minha cabeça e tento deixar isso claro, nas letras das músicas, para que a pessoa ouça e consiga entender, eu não uso muitas metáforas muito rebuscadas, até porque a minha linguagem é a linguagem do cotidiano, a linguagem que eu busco usar é a linguagem do uso com o taxista, da conversa do botequim ou da fila do banco, isso é material para mim escrever, então, eu procuro ter essa linguagem direta, eu não vou pensar assim que a música vai ter uma pegada que ela possa ser vendável e ir para a rádio, eu penso em fazer uma coisa que fale ao meu coração, se tiver bem para mim, se eu tiver gostando tá bom para o meu coração e é possível tá bom para o coração de outras pessoas também.

Edu Krieger

Falando de mercado, você conheceu o Seu Jorge dentro de uma outra circunstância, com ele morando na rua, foi o que a gente conversou aqui antes e hoje em dia se tornou um grande nome de vendas, você por uma feliz coincidência acompanhou essa trajetória, faz parte desse núcleo de compositores que cercam o Seu Jorge, mas você tem vontade de dialogar com outros segmentos, como o sertanejo ou pagode, se aproximar desses parceiros de outros gêneros e envolver também o seu trabalho de compositor, em parceria ou é algo que não te seduz. Como você vê isso?

Gabriel

É algo que não me seduz, porque eu sou compositor exclusivo da Som Livre, hoje eu tenho contrato com a Som Livre e ela os meus discos e a Som Livre tem um catálogo de artistas o maior catálogo de sertanejo eu acho que é da Som Livre. Eles me pedem músicas para sertanejos e eu digo não. Não é por nada, mas para mim fazer uma música para um artista sertanejo, eu tenho que me envolver com a música sertaneja, eu tenho que escutar, eu tenho que ver e eu não me sinto muito instigado a me envolver com a música sertaneja. Eu respeito, não é tipo o pagode.

Edu Krieger

Então Paula Fernandes não vai rolar, ela pediu para te perguntar

Gabriel

Eu já tentei uma época. Eu já fiz numa época em que eu estava precisando de uma grana, e quando falavam fulano de tal tá precisando de uma música, eu me esmerava para fazer, mas depois cheguei a essa conclusão, que para eu entrar em um segmento e fazer uma música para um determinado artista, eu primeiro tenho que dar uma olhada em como é o artista, me envolver, procurar entender e tal, procurar absorver a linguagem e me aproximar da linguagem e eu não curto muito essa linguagem do sertanejo atual. Eu gosto da música sertaneja assim do Pena Branca e Xavantinho, Almir Satler, de coisas mais antigas do Alvarenga e Ranchinho, Tonico e Tinoco, eu acho que são realmente frutos da galera do interior e hoje em dia a música sertaneja é uma música pop, é uma música baseada na música americana, da música country

americana, da música pop, da música eletrônica americana. Então está muito desvirtuado. Eu acho e prefiro não me envolver. Eu não digo que se de repente um dos caras vier pessoalmente e fazer um convite, que eu não vou aceitar. Eu não estou acima de nada e acho que tenho que lidar humildemente com todas as coisas da música, mas a princípio eu não me envolvo não.

Edu Krieger

Aproveitando esse papo de envolvimento e influências e tal. Quando você começou a compor e até hoje quem são as suas referências, agora falando daquelas que você utiliza no seu trabalho. Por que você faz um trabalho muito plural né. Você tem a coisa da música dançante, do balanço, mas você tem o samba muito presente, você tem um acento pop, mas ao mesmo tempo uma possibilidade harmônica bastante rica. Então aonde você tá nessa prateleira e de onde você vem em termos de influências musicais ou de parâmetros?

Gabriel

Meus ídolos são esses que eu falei, eu considero os meus maiores ídolos que me inspiraram desde moleque. Hoje em dia tem outras pessoas também que a gente vai gostando, mas os ídolos para mim são aqueles que eu aprendi a amar desde muleque, que é o Milton (Nascimento), Caetano (Veloso), Djavan, o Gonzaguinha, Vinícius de Moraes, Tom Jobim, foram as minhas grandes referências, um pouco do Jorge Ben (atualmente se apresenta como Jorge Benjor), muitas vezes meu trabalho bem equilibrado dizem você é “você é fã do Jorge Ben”. Eu sou, mas ele não era um dos meus maiores ídolos, o meu maior ídolo até hoje é o Gilberto Gil é o cara que eu mais admiro até hoje porque ele vem mantendo uma história nos discos dele que é sempre muito verdadeira, é sempre muito musical e eu admiro muito. Eu conheço todos eles, graças a deus, não posso dizer que são os meus chapas, mas são os meus conhecidos, nós batemos papo, as vezes eu vou na casa de um e de outro, nos encontramos nas festas, eu gravei agora, há pouco tempo, uma música com Milton Nascimento. Enfim, o Gilberto Gil já gravou músicas minhas, o Zeca Pagodinho, todos esses caras que são referências para gente, mas a maior de todas ainda é o Gilberto Gil.

Edu Krieger

Nós ainda temos um tempinho, pouco, daqui há pouco temos que encerrar porque o Gabriel tem que fazer todo o ritual dele de preparação para o show, tomar chazinho e tal. Tem pessoas aqui que ligadas a música já e que já começa a desenvolver um trabalho dentro desse sentido e tem pessoas que não são técnicas no assunto. Então, se alguém tiver ligação técnica com a música e quiser fazer alguma pergunta técnica também fica a vontade, sobre questões mais...

Pergunta do Público

Gabriel eu gostaria de saber se tem algum cantor ou cantora da MPB dentro desses grandes nomes que você gostaria muito de compor alguma coisa ou que já exista alguma coisa, uma canção sua que você gostaria de ouvir na voz de um determinado cantor?

Gabriel

Olha, sinceramente, humildemente, praticamente todos os cantores grande da música brasileira já gravaram músicas minha, muitos deles. Eu gostaria de compor com o Gil (Gilberto) porque como eu falei é um dos maiores referencias, eu gostaria de sentar e compor uma canção com ele seria uma experiência muito bacana, apesar de eu ficar tímido na frente desses caras. As vezes eu tento conversar e não sai muito. Com Caetano, eu sempre encontro com ele e ele me abraça e me dá beijo, mas eu não consigo conversar com Caetano. É difícil. Você chega em um lugar e encontra com um cara daquele e vai falar o que?

Edu Krieger

Você sabe que eu estive há uns dois meses no Festival de MPB, lá no Recife, por coincidência quando eu cheguei no hotel para fazer o check in o Caetano estava fazendo o check in também, eu também já conheço ele, e ele: Edu como é que tá aquela história do funk, como é que é... Ai fizemos o check in e subimos no elevador juntos. Ele estava tipo no 14 andar e eu estava no sétimo e eu entrei com uma mochila nas costas, uma mochila dessas de viagem, e estava o Caetano com uma assessora e eu com mais uma pessoa. Então eu falei: deixa eu bota a mochila para frente porque eu aprendi que mochila no elevador a gente tem que colocar na frente senão a gente esbarra nas pessoas que está atrás sem perceber. O Caetano falou assim: É verdade a gente esbarra na pessoa porque a gente movimenta e não sente, porque é involuntário e acontece tudo...

E o elevador subindo...

E ele falou: é verdade. eu já esbarrei com a pessoa

Ai chegou o elevador no meu andar e eu falei: então tá bom Caetano. Bom trabalho e pensei: caramba! Eu subi sete andares com Caetano falando da importância de colocar a mochila nas costas. Poxa! Como eu sou imbecil

Comentário da plateia: Quase uma explicação física

Edu Krieger

Quanta coisa eu poderia ter falado para em sete andares. Alguma genialidade podia me ocorrer e tal, mas nessa hora a gente fica meio bobo. Eu demorei para dormir pensando nisso. Nossa, o Caetano vai pensar que imbecil da mochila, como o cara pode ficar preocupado com isso, a mochila na frente. Mas é o nervosismo que a gente tem de fã e que na hora de trabalhar junto atrapalha um bocado.

Gabriel

Uma vez eu fiz uma música para um filme e o diretor do filme perguntou o que eu achava do Gilberto Gil gravar. Eu respondi que achava maravilhoso, afinal ele nunca tinha gravado nada meu e ia ser uma honra, mas falei que não conhecia ele e não tinha como chegar nele, porque eu não tinha como chegar no Gil. Depois de muita conversa com a produção, porque o que está a volta de um grande artista tenta manter eles dentro de uma redoma, então depois de muita conversa com a produção do Gil nós conseguimos encontrar com ele quinze minutos, era o que nós teríamos

para conversar com ele. Chegamos no estúdio dele, eu fui com o violão e a moça falou que o Gil já iria chegar, mas que só teríamos quinze minutos para falar com ele porque ele teria uma entrevista muito importante com uma TV americana. Para gente estava ótimo os quinze minutos que seriam suficientes. O Gil desceu e começamos a conversar, o diretor explicando tudo, o roteiro do filme, eu falei não vai dar tempo de explicar tudo e quando ele parou de explicar o Gil falou: mas eu queria saber porque eu? Eu expliquei que era muito fã dele e a música tinha tudo a ver com ele e toquei a música para ele que achou muito interessante. Ele mandou uma assessora pegar o violão e ficamos uma hora e meia tocando e conversando e toda hora vinha a assessora e falava que a emissora estava esperando e o Gil sempre falava “mande esperar, mande esperar”. Foi um barato. Por isso que eu digo que seria bacana fazer com ele porque ele é uma pessoa muito fácil, ele conversa, ele tem aquela retórica toda, mas você consegue se aproximar mais, ele é uma pessoa muito legal

Edu Krieger

Ele é muito acessível, muito bom de papo

Gabriel

Depois ele gravou a música e eu dirigi ele durante a gravação e qualquer coisa que eu pedia ele estava pronto para atender. Ele perguntava se estava bom e quando eu falava pode refazer aquele pedacinho e ele refazia. Então é uma pessoa que eu admiro e tenho em alta conta como um dos maiores um dos maiores compositores, um exímio violonista de referência para gente.

Edu Krieger

E que conseguiu sobreviver a política, porque é difícil um artista entrar naquela lama e sair ileso e a arte dele continuar soberana é muito difícil

Ele saiu de cabeça erguida **(comentário da plateia)**

Pergunta da plateia

Ontem teve o bate papo com o Calinhos e ele comentou que ele meio que se percebeu como músico foi em um show que ele fez na PUC, embora já tocasse foi naquele instante que ele viu como ponto como o início da carreira dele. Eu queria saber como no caso se existe esse momento e como é que é, pois a pessoa pode compor e ter uma obra e me parece que se eu não for gravada, e aí você é compositor? Você se percebe como compositor? como é que você faz se você não tem a resposta do mundo, se o mundo não te tem como compositor como é que é?

Gabriel

Muitas vezes o compositor, as vezes tem bons compositores, inclusive eu tenho um amigo meu jornalista, ele é um excelente compositor, as músicas dele são ótimas, mas ninguém nunca gravou. Essa coisa dos artistas gravarem é uma questão de contato, de você ir aos poucos formatando uma rede e ver se você quer isso mesmo para a sua vida

Edu Krieger

Mas o primeiro momento parece que é uma questão de sorte, porque até chegar o primeiro a gravar você tem que ficar ali meio que buscando, furando um bloqueio que as vezes parece intransponível. As vezes dá a impressão que você nunca vai conseguir emplacar uma música na voz de ninguém, porque simplesmente as portas não se abrem. Até que chega algum louco e grava. Ai que as coisas dão uma guinada.

Pergunta da plateia

E como é que se mantém enquanto nesse percurso, meio que boêmio?

Gabriel

Sabe o que acontece, o Arlindo Cruz que é também como compositor é minha maior referência que é um cara genial. Ele sempre fala para mim: música não pode ficar na gaveta, se fez envia ou se você fez guarda para você cantar ou então fez a música envia para o cantor gravar. Hoje em dia nós temos a rede social, você encontra qualquer um na rede social. Tá todo mundo lá, todo mundo responde os posts. Então, você tem acesso a todo mundo, se você quiser mandar uma música para o Chico Buarque, ele não frequenta muito a rede social, mas a equipe dele tá lá. Se você quiser você acha o site dele, manda uma mensagem pelo site, lógico que o Chico Buarque é a caneta de ouro. Logico que se você tiver e quiser uma coisa que seja realmente pertinente você via lá no site do cara, você vai lá na home page, no Facebook. Você não tem mais aquele bloqueio. Antigamente se você queria mandar uma música para o artista tinha aquela coisa dos compositores ficarem na porta das gravadoras esperando os artistas passar ou na porta da rádio Nacional, ficavam lá esperando o artista sair da rádio e era uma dificuldade porque a gravadora mantinha aquela redoma da posição do artista. Hoje em dia, está tudo mais fácil.

Edu Krieger

Agora, tem também aquele tipo de compositor que é aquele que não tem potencial vocal para gravar as próprias músicas, que não tem material vocal, que não tem desenvoltura para ser o intérprete da própria música, talvez nesse caso fica mais difícil porque até para o sujeito colocar na rede social uma canção dele, ele não vai colocar daquele jeito desafinado, mal cantado, tem compositores que não tocam bem o instrumento. Então esses precisam sempre de vozes para chegar. Então, é complicado quando o compositor não consegue interpretar a sua própria música, nem minimamente satisfatório porque ele fica dependendo de algum amigo para gravar, para colocar na internet, é complicado, mas é um movimento que tem que ser feito. Não tem jeito, tem que mostrar.

Gabriel

Com relação ao que você falou do momento em que eu me descobri músico, quando eu era garoto, eu comecei a tocar violão na igreja e aprender com os amigos da igreja, então tocava na missa, nas procissões, depois nas festas da igreja e a primeira vez que eu fui tocar numa festa da igreja que era uma quadra lotada, na semana da primavera, tinha aquela música do Beto Guedes "Sol de Primavera", eu estava morrendo de medo, me escondi até para não tocar, eu queria tocar mas estava com medo. A minha mãe e meu irmão foram atrás de mim e conversaram comigo e eu cantei e foi um sucesso. Eu cantei tremendo no início, mas do meio da música para o final eu lembro

que comecei a ficar mais confortável e quando acabou os aplausos da quadra inteira, eu com 13 anos comecei a achar que as pessoas gostavam da minha voz e que eu podia levar isso a frente, mas eu não podia imaginar chegar onde estou hoje, não que eu tenha chegado a coisa muito longínquo.

Edu Krieger

Você não chegou em um lugar muito longínquo. Você só tem 44 sucessos que tocam em rádio o tempo inteiro, que isso é uma besteira. Não é resultado nenhum. Eu acho engraçado, para muito gente o lugar que você ocupa é o topo da pirâmide e para gente mesmo que está trabalhando e que sabe das dificuldades do dia-a-dia a gente sempre se sente iniciando, dadas as circunstâncias de mercado a batalha que o dia-a-dia para a gente obter os resultados, essa visão que a gente tem da gente é muito diferente. E você é uma referência para muita gente que está almejando chegar no mercado.

Pergunta da plateia

Eu queria parabenizar esses dois compositores que são minha inspiração para crescer cada vez mais na música. Eu queria contar uma história interessante porque eu componho e eu canto. Tenho uma vez que estava em Porto Seguro e lá tem um músico que canta sempre, eu pedi para dar uma canjinha e ele falou que eu tinha que cantar uma música legal e eu sempre fui fã da música “Garota do Méier”, eu cantei e impregnou o pessoal e ultimamente quando abrem espaço eu canto o autoral, mas o pessoal só pede a “Garota do Méier”. Eu parabeno pela brilhante composição. Então a pergunta que eu gostaria de fazer, vocês estavam falando do espaço do funk do sertanejo, então você acha que o brasileiro, a música brasileira tem o poder de se adaptar a essas misturas o samba com rock, o pagode com o funk?

Gabriel

Com certeza, o brasileiro dá um jeito, hoje em dia a gente já está até preocupado com esse negócio do jeitinho brasileiro, a gente quer ir além desse negócio do jeitinho. O brasileiro ele sempre mistura as coisas, as informações. Eu acho que vale. O meu trabalho na época do Farofa era justamente mistura samba com funk, com choro, com jongo. Nós temos muita coisa no Brasil, nossa música é muito rica, a gente admira muita as músicas do americano, mas se a gente for contar nos dedos vamos poder enumerar os estilos em uns dez ou quinze, se a gente for contar nos dedos os estilos que tem na música brasileira não vai caber nas mãos de todo mundo aqui. Só começa lá no Recife tem jongo, frevo, maracatu, bolada, coco.

Edu Krieger

Engraçado quando você vai na Alemanha você vê bandas de rock tocando exatamente como os americanos só cantando em alemão, quando você vai na França você vê um grupo tocando blues igualzinho os norte americanos só que cantando em francês. Aqui no Brasil parece que a gente tem algum defeito de fabricação que a gente não consegue, por exemplo: o Chico Science ele pega o rock, porque ele era um roqueiro e morava no Recife, ele bota os tambores de maracatu e alfaias e já cria o “mangue beat”. A gente pega a estrutura inicial do pancadão e chega algum maluco e coloca o tambor de candomblé, de maculelê e com isso já cria o tamborzão. A gente não

consegue ficar resignado em simplesmente se apropriar da cultura norte-americana ou da cultura europeia, no caso de antigamente era a Europa quem mandava geralmente no mundo e a gente conseguia no início do século XIX pegar as modinhas imperiais da corte portuguesa e misturar com o lundu, que era a dança original dos escravos, e transformar isso em maxixe, que já era uma música que a Chiquinha Gonzaga tocava. Essa miscigenação musical é uma identidade da nossa música.

Pergunta da plateia

Você acha que a música brasileira foi diminuindo o seu trabalho para fazer letras mais curtas para fixar mais na cabeça das pessoas?

Edu Krieger

A questão das letras mais curtas passa muito pela questão da aceleração do nosso tempo, hoje em dia ninguém tem mais tempo de pegar um disco, abrir um vinho e curtir aquele vinil como na década de 1970. Hoje está tudo muito acelerado, então existe realmente uma preocupação dentro do processo criativo de você objetivar o discurso, porque você tem que pegar o ouvinte na primeira estrofe, nos primeiros seis segundos você tem que prender o ouvinte porque senão ele troca de estação, senão ele muda de site. Tudo é muito frenético. A molecada mais nova, hoje em dia, tem uma relação absolutamente invisível com o disco. Eu vejo pelos amigos dos meus filhos, crianças e tal, que eles não entendem como a gente ouvia disco porque eles baixam música, eles pegam o artista Gabriel Moura porque ouviram falar, escutam 14 segundos de cada música e escolhem uma para colocar no ipod e depois misturam com uma coisa que ouviram do Tchaikovsky, um Mister Catra e um Tom Jobim e eles colocam no shuffle e ficam estudando, jogando no computador, vendo TV, falando com o amigo e ouvindo aquele troço que não segue nenhuma sequência lógica de estilo. Ninguém tem mais, a geração que chegou agora, o novo ser humano que hoje tem oito anos de idade tem um chip no cérebro completamente diferente do nosso. Então, a velocidade é muito maior e a gente como compositor se quiser compor nos moldes do Tom Jobim, com os acordes que a gente saboreava, se a gente se prender a isso a gente não vai encontrar nenhum tipo de respaldo no trabalho. Então é muito louco, porque a gente tem que se adaptar, também, a essa velocidade frenética que se transformou o mundo para trabalhar.

Pergunta da plateia

Se você quiser comprovar mesmo você vai lá na agência GLVT, do meu grande amigo Marcos, e pergunta qual a música que embala as viagens da GLVT?

Edu Krieger

Isso é bom saber porque a GLVT

Bruno

GLVT é o que?

Cara da plateia

GLVT é agência que eu fui tocar

Edu

A GLVT está inclusive te devendo um autoral

Gabriel

Eu estou querendo gravar meu DVD e estou precisando de patrocinador

Edu

Está tudo gravado e depois os meus advogados vão ser consultados e vão entrar em contato com a GLVT para saber quantos pacotes de viagens eles venderam com essa música e durante as viagens quantas vezes é executada. Depois a gente negocia

Pergunta da plateia

Fala sobre o "Quatro Cabeças"

Bruno

O "Quatro Cabeças" é um projeto muito bacana, que junto com mais três compositores aqui da cena carioca inclusive um deles é o Luiz Carlinhos que esteve aqui ontem, junto com o Rogê que eu falei que é um dos meus maiores parceiros hoje e o Baia (Mauricio) que é um cara também genial compositor e cantor, ele é baiano, cresceu em Recife e hoje mora no Rio de Janeiro e tem todas essas vertentes na música dele. Então é um projeto muito bacana de quatro cantores, os quatro com violão no palco nos fizemos um disco em 2010 e ganhamos o prêmio da música brasileira. Agora o Rogê saiu e entrou o Matheus Von Kruger. A gente queria o Krieger, mas o Krieger ficou fazendo doce.

Pergunta da plateia

Você estava falando da velocidade do mundo e tal, eu também tenho filho pequeno e vejo que a relação é diferente de tempo da gente com o mundo, vocês como compositores e músicos ficam a mercê disso, dessa leitura dinâmica do tempo, e eu gostaria de compartilhar com vocês, mas me parece que isso afeta um pouco a produção de uma obra consistente, coisa e tal e textual, teve Gonzaginha, Chico Buarque, o Gil, o Caetano. Eu acho que o mundo sempre foi rápido, sempre foi mutável e dinâmico e esses caras estavam ali fazendo a obra deles, permaneceram e resistiram, porque é um trabalho de resistência, sobreviver com uma música que nem sempre vai alcançar todo mundo e vocês pensam dessa forma também, vocês acham que isso está dificultando a criação de uma obra consistente para o futuro. Eu quero ouvi-los daqui há 30 anos e falar: poxa esses caras são os meus amigos, virar para o meu filho e falar olha a obra do Edu, olha a obra do Gabriel, eu imagino o que você vão estar fazendo daqui há 20 anos. Eu imagino o que Jimi Hendrix estaria fazendo se estivesse vivo até hoje. Vocês vão estar, se Deus quiser, lógico fazendo música daqui há 30 anos e espero que seja música maravilhosa, mas a sobrevivência não está mexendo um pouco com isso?

Gabriel

Com certeza. Eu acho que um dos grandes problemas da música hoje é justamente o cara querer ser alçado ao sucesso. Não estou generalizando, mas muitas pessoas não querem passar pelo caminho, querem chegar no final, querem chegar no sucesso,

querem ir para a Rede Globo, querem estar com a música na novela, querem participar do Domingão do Faustão.

Edu

Como se isso fosse o final é não é

Gabriel

Você vê que a Ivete Sangalo gravou um DVD no Maracanã, depois de fazer no Maracanã foi fazer aonde? No Madison Square Garden, em Nova Iorque, e depois vai para onde? Vai para Marte? Mas eu acho que realmente compromete um pouco a criação e os artistas que poderiam fazer trabalhos mais artísticos tem que fazer trabalhos mais de mercado para poder atingir o público e de certa forma isso empastela tudo. Bota tudo meio que no mesmo bolo.

Edu

Agora de todo modo, os nomes que você citou como Caetano, Gil e Jobim, eles trabalhavam em função de uma adaptação ao seu tempo. Então, o Tom Jobim com o Vinícius, por exemplo, na década de 1960 quando eles estavam sentados ali no bar vendo a garota de Ipanema passar estavam também em função de um tempo que existia naquela época, onde as pessoas sentavam em um bar. O Caetano quando fez o tropicalismo, ele sentiu uma urgência naquele tempo de fundir estilos e gêneros e quebrar barreiras estéticas que aquele tempo exigia dele. Era um tempo de muita efervescência e talvez se o Caetano ficasse muito contemplativo naquela época fazendo canções mais singelas, ele também iria perder esse fluxo, esse basta do tempo e ele teve que se engajar no movimento e o próprio Gilberto Gil na década de 1980 quando era aquele movimento "New Wave", aquela coisa mais eletrônica, naquela época surgiu a eletrônica com mais força dentro da música e ele também se adaptou aquele tempo e fez aquele disco "Realce" (1979), que gera aquele diálogo com a tecnologia. Então eu acho que esses que você citou também tiveram que obedecer um fluxo do tempo que exigia deles. O único que eu acho que conseguiu dominar o tempo, comandar o tempo e fazer o que bem quis com o tempo foi o Dorival Caymmi, que não estava nem aí, ele estava na dele atravessando gerações, ele morreu na hora que ele quis. Ele era amigo do tempo, ele não estava preocupado: agora preciso usar tecnologia, agora preciso usar sintetizador, ele estava lá com o violão e a voz e isso arrebatava a gente. Ele é o único que conseguiu dominar o tempo e fazer o que ele quis do tempo. Todos os outros tiveram que se adaptar ao fluxo da época. Hoje em dia não é diferente. Nós temos que ficar atentos ao que o tempo nos exige, como cidadãos para utilizar a nossa produção.

Gabriel

Eu acho que fundamental para a carreira de um artista, eu acho que é o que o público quer ver é ele ser autêntico, quanto mais autêntico, quanto mais ele mesmo for, eu acho que mais o público gosta porque de imitação a gente já tá cheio.

Edu

Você falou do sucesso, do chegar ao sucesso, do chegar no estrelato. Se estivesse aqui do meu lado o Erasmo Carlos a gente ia passar, talvez, 60% do tempo falando do

Roberto e é o parceiro dele mais rico, mais badalado é o Rei. O Erasmo nem de príncipe é chamado. O Roberto é o Rei, mas não serei nem metade do que ele é como compositor e de músico e tal se não fosse a presença do Erasmo. Você tem involuntariamente uma analogia na sua carreira que é o Seu Jorge. Você conheceu o Seu Jorge morando na rua e hoje em dia ele está milionário, com uma projeção enorme e você está para o Seu Jorge, como o Erasmo está para o Roberto, em termos de importância e em termos de presença. Isso te incomoda?

Gabriel

Não. Isso me joga para cima. É uma alegria poder fazer parte do trabalho dele e é uma alegria poder fazer sucesso cantado na boca das pessoas. A nova música "Motoboy" eu ouvi comentários que os motoboys agora estão se achando. Então é legal ver que a música que você faz interfere no cotidiano das pessoas, que as pessoas cantam por aí, eu passo na porta de um botequim e vejo o cara cantando, ele nem sabe que fui eu quem compus a música, mas está tocando ali. Isso para mim é uma grande alegria. Eu sinto o maior prazer de ser parceiro do Seu Jorge, de estar associado a imagem dele e ao trabalho. Eu acho que isso só faz bem para mim. O que eu quero é também emplacar os meus sucessos, os meus próprios sucessos e juntar a minha parte compositor com a minha parte artística para que minha carreira como cantor também vá adiante e as pessoas me conheçam, mas o fato de ser parceiro dele só ajuda.